



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Priscila Soares Araújo

***CENAS BRASILEIRAS: O RETRATO DE RACHEL DE
QUEIROZ EM SEU CRONICÁRIO***

Campina Grande - PB

2014

Priscila Soares Araújo

***CENAS BRASILEIRAS: O RETRATO DE RACHEL DE
QUEIROZ EM SEU CRONICÁRIO***

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao Curso de Letras – Língua
Vernácula da Universidade Federal de
Campina Grande como requisito à
conclusão do curso.

Orientador: Prof^o Ms. José Mário da Silva

CAMPINA GRANDE

2014

Priscila Soares Araújo

***CENAS BRASILEIRAS: O RETRATO DE RACHEL DE
QUEIROZ EM SEU CRONICÁRIO***

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao Curso de Letras – Língua
Vernácula da Universidade Federal de
Campina Grande como requisito à
conclusão do curso.

Aprovada em _____ de _____ de _____

Banca Examinadora

Prof. Ms. José Mário da Silva Branco – UFCG
(Orientador)

Prof^a Ms. Aluska Silva Carvalho– UFCG
(Examinadora)

CAMPINA GRANDE - PB

2014

Dedico este trabalho à minha família e amigos que me acompanharam nesta longa caminhada e tiveram grande contribuição na concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre maior do universo, Deus, por me dar saúde e forças para seguir essa longa caminhada e por tornar o peso do fardo mais leve, sem Seu apoio nada disso seria concretizado.

À minha família, de modo especial, aos meus pais, Margarete e Garcia, que sempre reconheceram o estudo como a melhor forma de poder conquistar os sonhos e para isso, não mediram esforços para me propiciar uma boa educação.

Ao meu namorado, Kaio César, que mesmo não acompanhando todo esse meu trajeto na vida acadêmica surgiu, justamente, no momento mais difícil e também mais especial dessa caminhada. Agradeço pelo seu carinho, companheirismo, incentivo e imensa compreensão.

Às amigas que iniciaram essa caminhada junto comigo e tornaram os dias de estudo ainda mais agradáveis com a presença de cada uma, Manuella, Roberta, Rhayssa, Izabel, Rosângela, Suzana e Girlayne.

Às novas amigas, Thaíses e Áurea, amizade que surgiu nessa reta final em uma das experiências mais marcantes e significantes do curso, a experiência em sala de aula.

Aos amigos de longa data, Gerlania, Michele, Édna, Fabrícia, Marcone e Rosilda. Pessoas muito especiais em minha vida, nas quais encontro companheirismo, maturidade e muita alegria.

Ao professor orientador José Mário da Silva, pela grande dedicação e parceria. Ao longo do curso, o senhor sempre foi modelo de profissionalismo e de um eterno apaixonado à literatura. Poder contar com a colaboração do senhor na construção desse trabalho, é motivo de muita honra e alegria para mim.

À professora examinadora Aluska Silva que mesmo a conhecendo de outras boas circunstâncias da vida, sempre foi, para mim, exemplo de jovem de fé e profissional. Obrigada por aceitar o convite para examinar este trabalho. Sua opinião será sempre muito válida e enriquecedora.

A todos os professores que passaram por minha vida e contribuíram na minha formação. Aos colaboradores desta Unidade Acadêmica, em especial a Marciano e Valdemar pela prestatividade e bom humor.

E a todos aqueles, que direta ou indiretamente contribuíram na concretização desta pesquisa e deste sonho.

“Eu nunca fui uma moça bem-comportada. Pudera, nunca tive vocação pra alegria tímida, pra paixão sem orgasmos múltiplos ou pro amor mal resolvido sem soluços. Eu quero da vida o que ela tem de cru e de belo. Não estou aqui pra que gostem de mim. Estou aqui pra aprender a gostar de cada detalhe que tenho.”

Rachel de Queiroz

RESUMO

O contato precoce com os livros fez Rachel de Queiroz tornar-se uma grande escritora. Romancista consagrada, autora de obras como *O quinze* (1930) e *Memorial de Maria Moura* (1992), Rachel também se destacou pela publicação incansável de crônicas, atividade que lhe acompanhou por toda a carreira. Tratando-se de um gênero até então desprestigiado e inclassificável para alguns críticos e as poucas pesquisas e estudos voltados para essa faceta da escritora cearense, ficou a curiosidade, desafio e desejo de trabalhar o cronicário de Rachel. Portanto, o presente trabalho objetiva-se em estudar as crônicas: “Seca”; “Amor à primeira vista” e “Os filhos que eu nunca tive” que integram o livro *Cenas brasileiras* (2002), bem como estudar as temáticas recorrentes nas crônicas selecionadas e discutir a importância da crônica no sistema literário produzido por Rachel de Queiroz. A partir dessa análise interpretativa, identificamos também, além dos objetivos traçados, como se deu o entrelaçamento de temáticas como o amor, a condição humana e a seca entre as crônicas estudadas e outras obras da escritora. Para este trabalho, era necessário conhecimento acerca do gênero, nosso objeto de estudo, bem como informações a respeito de Rachel de Queiroz, desse modo, o *corpus* desta pesquisa tem como referenciais teóricos: Eduardo Portella (2002); Jorge de Sá (2005); Massaud Moisés (1985); Antonio Candido (1996); Affonso Romano de Sant’Anna (2000) e Socorro Acioli (2003)

Palavras-chave: Rachel de Queiroz. Crônicas. Análise interpretativa.

ABSTRACT

Early contact with the books did Rachel de Queiroz become a great writer. Consecrated novelist, author of works such as *O quinze* (1930) and *Memorial de Maria Moura* (1992), Rachel also highlighted the relentless publication of chronic, activity that accompanied him throughout his career. In the case of a previously discredited and nondescript to some critics and the few surveys and studies on this facet of Ceará genre writer, was curiosity, challenge and desire to work the cronicário Rachel. Therefore, this work aims in studying chronic: "Seca"; "Amor à primeira vista" and "Os filhos que eu nunca tive" that comprise the book *Cenas Brasileiras* (2002) as well as studying the recurring themes in selected chronic and chronic discuss the importance of the literary system produced by Rachel de Queiroz. From this interpretive analysis, also identified in addition to the stated objectives, how was the interweaving of themes like love, the human condition and dry between chronic studied and other works of the writer. For this study, knowledge was needed about the genre, our object of study, as well as information about Rachel de Queiroz, thus the corpus of this research is theoretical frameworks: Eduardo Portella (2002); Jorge de Sá (2005); Massaud Moisés (1985); Antonio Candido (1996); Affonso Romano de Sant'Anna (2000) and Socorro Acioli (2003)

Keywords: Rachel de Queiroz. Chronicles. Interpretative analysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. RACHEL DE QUEIROZ	12
2.1 A seca e a Academia	16
2.2 Legado.....	17
3. CRÔNICA, UM NOVO JEITO DE FALAR DO COTIDIANO	19
3.1 Crônica, o gênero híbrido e autenticamente brasileiro	20
3.2 Classificação.....	21
4. ANÁLISES	23
4.1 “Seca”.....	23
4.2 “Amor à primeira vista”	28
4.3 “Os filhos que eu nunca tive”	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

Rachel de Queiroz sempre esteve rodeada pelos livros e com grandes influências já de berço, não poderia deixar de se tornar quem foi e quem ainda continua sendo, através de sua literatura perpetuada, entre todos os seus admiradores. Dona de uma linguagem simples, carregada de diálogo e de uma temática a exemplo da seca que se fez muito presente em sua vida e na vida dos nordestinos, foi uma das precursoras da geração de 30 do modernismo, a geração regionalista. Rachel de Queiroz entrou na literatura precocemente e com esse feito, abriu as portas do respeito e valorização à mulher na sociedade.

O meu primeiro contato com sua literatura se deu nos estudos para o vestibular, quando sua obra *Memorial de Maria Moura* (1992) foi indicada como uma das leituras obrigatórias. A leitura, em um primeiro momento, foi um desafio devido a sua extensão, mas depois fui apreciando a narratividade, a linguagem simples, próxima ao leitor e a temática regionalista que muito me encantou. Foi a partir da leitura de *Memorial de Maria Moura* (1992) que tomei, de modo mais direto, conhecimento da obra da escritora cearense.

Desse modo, anos depois, já na graduação e na fase de escolha da temática do trabalho de conclusão, me veio o desejo de trabalhar alguma das obras da escritora cearense e sua temática regionalista. E reconhecendo, juntamente com o professor orientador José Mário, a carência de pesquisas realizadas no âmbito de seu cronicário, resolvemos nos deter a esse estudo de análise de algumas crônicas.

A crônica que para muitos escritores, a exemplo de Candido, tinha a função de acessório, uma vez que chegou a ser classificada como um gênero menor, ocupou um lugar de centralidade na vida de Rachel, uma vez que ela escrevia quase que diariamente. As crônicas produzidas por Rachel de Queiroz trazem uma gama de temáticas de cunho pessoal, pois retratam experiências vivenciadas pela própria escritora. Temas que passam pela infância, velhice, seca e amor.

Portanto, o presente trabalho justifica-se, dentre outras razões, pelo fato de que, a crônica racheliana merece ser estudada mais detidamente, já que o romance da escritora já foi alvo de inúmeras avaliações críticas e, sendo assim, existem poucos estudos voltados para o cronicário da referida autora, cronicário esse que, a exemplo dos

demais gêneros cultivados pela autora, mostra-se qualificado, ao exibir tanto beleza estética quanto significativo conteúdo humano.

Nosso objetivo ancora-se em estudar as temáticas recorrentes nas crônicas selecionadas bem como discutir a importância do gênero crônica no sistema literário produzido por Rachel de Queiroz.

Dentre tantos aspectos que compõem o cronicário da escritora, nos deteremos a fazer uma leitura analítica das crônicas: “Seca”; “Amor à primeira vista” e “Os filhos que eu nunca tive” que integram o livro *Cenas brasileiras* identificando a temática recorrente, a linguagem e a condição e exploração humana tão bem retratada na obra da escritora.

O trabalho foi desenvolvido em três partes, a primeira faz um apanhado da trajetória de Rachel de Queiroz, sua infância, seu primeiro contato com os livros, as influências até chegar às publicações, tomando-se como referencial o texto de Socorro Acioli (2003) e alguns vídeos biográficos/entrevistas sobre Rachel. Na segunda parte, apresentamos uma abordagem do gênero crônica, por se tratar do objeto de estudo desta pesquisa, uma vez que serão analisadas algumas crônicas da referida obra, fazia-se necessário ter conhecimento acerca do gênero, sua origem, classificação e características a partir de um estudo minucioso de grandes teóricos a exemplo de Eduardo Portella (2002); Jorge de Sá (2005); Massaud Moisés (1985); Antonio Candido (1996) e Affonso Romano de Sant’Anna (2000), dentre outros. Por fim, têm-se a análise das seguintes crônicas: “Seca”; “Amor à primeira vista” e “Os filhos que eu nunca tive”, nas quais se buscou reconhecer algumas temáticas recorrentes da escritora cearense, a exemplo da seca, do amor, infância e identificar as reflexões e denúncias sociais apresentadas nessas leituras.

2. RAQUEL DE QUEIROZ

Temos três grandes romancistas no Brasil: José de Alencar, que inaugurou o romance; Machado de Assis que confirmou e Rachel de Queiroz que levou o romance regional à literatura. Rachel é uma das maiores escritoras entre homens e mulheres.

José Luís Lira

Rachel de Queiroz nasceu no dia 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, na casa de sua bisavó D. Miliquinha. Filha de Daniel, juiz e, Clotilde, mulher dedicada à família, demonstrou interesse pelas palavras, mesmo quando ainda não sabia decifrá-las. Toda a família carregava o gosto literário e talvez isso tenha contribuído na formação da grande escritora.

Eu nasci numa casa de intelectuais, onde todo mundo lia muito. E por isso, naturalmente, eu comecei a ler também. (...) Quando comecei a escrever em jornal, aos 16 anos de idade, eu já tinha uma enorme familiaridade com esse universo da literatura. (...) Em casa todo mundo lia e opinava; eu não era uma exceção que por acaso tinha brotado no jardim (DE FRANCESCHI, 2002, p. 22).

O pai, a mãe e as avós estavam sempre em contato com a literatura desde os escritores nacionais aos estrangeiros como Dostoiévski¹. Além disso, D. Miliquinha tinha uma grande admiração por um primo chamado José, que assim como Rachel, desde que se entende por gente encontrou através da escrita o prazer pela vida; Embora a própria escritora conteste essa afirmação, deixando claro, anos mais tarde, que não gosta de escrever e só o faz em virtude da necessidade, para se sustentar.

Ainda na sua infância, a família de Rachel costumava se reunir e encenar peças teatrais. Dentre as apresentações, o primo José sempre participava com a leitura dos textos de autoria dele. O primo pelo qual D. Miliquinha tanto tinha afeição e que certamente foi uma grande referência para Rachel de Queiroz era José de Alencar, romancista pertencente à fase nacionalista, autor de obras como *O guarani* e *Iracema*.

¹ Dostoiévski – escritor russo. Um dos maiores romancistas da literatura russa. Autor da famosa obra “Os Irmãos Karamazov”.

Já interessada em literatura, Rachel conversava com a bisavó Miliquinha sobre José de Alencar, ou o “primo José”, como ela o chamava. Nessas conversas, Miliquinha contou que, quando ele leu *O guarani* para a família, as primas ficaram deslumbradas com o amor do índio pela branca Ceci. Na primeira versão do final do livro, Ceci e Peri morriam no castelo de D. Mariz. O desfecho deixou as primas tão desoladas que José mudou o final do livro, substituindo-o pelo episódio da enchente do Paraíba, com os jovens amantes desaparecendo vivos no horizonte, na copa de uma palmeira (ACIOLI, 2003, p. 33-34).

A infância de Rachel de Queiroz também foi marcada por muitas mudanças entre o Pará, Rio de Janeiro e Fortaleza. A menina sempre quis ir para a escola, mas a mãe Clotilde achava desnecessário, no momento, acreditando que as leituras feitas em casa eram suficientes até então. A formação religiosa de Rachel de Queiroz também não agradava a avó, cujo nome também era Rachel, uma vez que ela percebia que a neta não sabia rezar, benzendo-se com a mão esquerda. A respeito da sua falta de fé, assim se pronunciou a escritora:

Infelizmente não tenho fé e não tenho orgulho disso... tenho até vergonha (...) Gostaria de ter. Muitos amigos meus tinham fé (...) Eu não tenho por que Deus não me deu (...) E me faz muita falta. É muito solitário e muito triste você não ter fé. Quem tem uma fé por pequena que seja, que possa cultivá-la (...) Quem não tem fé é uma pessoa infeliz.²(QUEIROZ)

Mesmo sem fé, Rachel em uma de suas viagens ao Juazeiro sentiu o desejo de conhecer Padre Cícero, homem “idolatrado” no nordeste. Durante o encontro, Rachel mostrou-se encantada pela simpatia e simplicidade do “Padim Ciço”. Ele, talvez sabendo a falta de fé da escritora, envia-lhe um presente no dia de sua partida, um punhal, objeto que Rachel tanto apreciava. No entanto, não era qualquer punhal, era o punhal do sacerdócio, o crucifixo, conforme Socorro Acioli (2003) apresenta em sua obra.

Rachel já foi comparada a Emília³, personagem de Monteiro Lobato, pelo grande escritor paraibano Ariano Suassuna. Talvez devido à personalidade forte e que não tinha receio de encarar as coisas e falar com a verdade, como a própria autora

² Citação da própria escritora Rachel de Queiroz em um documentário disponível no YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=M93zWe4kbZQ>

³ Emília – personagem da obra “Sítio do Pica-Pau Amarelo” de Monteiro Lobato. Emília é uma boneca de pano que começa a falar. É conhecida por sua teimosia, tagarelice e por ser muito esperta. Além disso, não tem papas na língua, dizendo tudo o que vem à mente.

confirma: “Gosto de palavras na cara. De frases que doem. De verdade ditas (benditas!). Sou prática em determinadas questões: ou você quer ou não.” (QUEIROZ)⁴

Tal fato pode ser comprovado ainda na sua adolescência, quando ao saber que uma parente foi eleita Rainha dos Estudantes do Ceará, Rachel não mediu palavras, tratou logo de escrever uma carta, com o pseudônimo de “Rita de Queluz” criticando a coroação. A carta causou uma grande confusão e os mais próximos, logo identificaram que aquela não era Rita de Queluz e sim, a própria Rachel de Queiroz. Por ironia do destino, anos mais tarde, Rachel é coroada Rainha dos Estudantes do Ceará.

Na ocasião da coroação, os convidados que prestigiavam a cerimônia e a própria Rachel de Queiroz foram surpreendidos com a notícia do assassinato de João Pessoa⁵. Sem pensar duas vezes, Rachel logo largou a coroa e deixou o local afirmando que era jornalista e precisava acompanhar o caso de perto.

Durante toda sua vida, Rachel está sempre cercada pela política. Integrante do Partido Comunista, em 1932, apresentou aos membros do partido sua obra intitulada “João Miguel”⁶, que foi recusada pelos mesmos.

Eles argumentaram que João Miguel, o assassino, era um operário. Ela deveria fazer com que o personagem fosse a vítima e não o agressor. Angélica, a filha do capitão que estava preso, era religiosa, muito boazinha enquanto a operária era prostituta. Rachel deveria inverter os papéis, a moça branca é que deveria ser a prostituta. Rachel não concordou com as alterações. Em primeiro lugar, porque estavam erradas. João Miguel não era operário, era um caboclo do mato, da roça. A mulher de João Miguel também não era operária, muito menos prostituta. Em segundo lugar, Rachel não reconhecia naqueles homens autoridade para criticar seu trabalho. Ela pediu os originais para que pudesse fazer as correções. Ao tê-los nas mãos, disse:

- Eu não reconheço nos companheiros condições literárias para opinarem sobre a minha obra. Não vou fazer correção nenhuma. E passar bem. (ACIOLI, 2003, p.64-65)

Após romper com o partido, foi presa. Anos mais tarde, foi candidata à deputada pela Frente Única do Partido Socialista no Ceará, mas não chegou a ser eleita. Era a favor do Golpe Militar, o que repercutiu de forma negativa na vida da escritora. Amiga de militares e políticos, sempre recebeu convites para ocupar cargos públicos e

⁴ Frase citada pela autora. Disponível do site: http://pensador.uol.com.br/raquel_de_queiroz_frases/

⁵ João Pessoa – advogado e político, sobrinho de Epiácio Pessoa. Nasceu na cidade de Umbuzeiro na Paraíba e no ano de 1930 foi candidato à vice-presidente de Getúlio Vargas. Foi assassinado na cidade de Recife em uma confeitaria por João Dantas, seu adversário político. A tragédia propiciou a revolução de 1930 (movimento liderado por MG, PB e RJ) e levou Getúlio Vargas a ocupar a Presidência da República.

⁶ *João Miguel* – segundo livro de Rachel de Queiroz publicado em 1932. A obra retrata a história de João Miguel, personagem principal, que sob o efeito do álcool, acaba por cometer um assassinato e vai para a prisão. A partir daí, a trama é toda ambientada nesta prisão, no interior do Nordeste.

sempre os recusou, pois acreditava que não nasceu para isso. No entanto, aceitou apenas ser delegada da Comissão de Direitos Humanos, representando o Brasil na 21ª Sessão da ONU, que proporcionou uma experiência de quatro meses na cidade de Nova York. Para a escritora, assim como apresenta Acioli (2003), “a experiência foi uma pós-graduação em política internacional”.

O primeiro romance de Rachel de Queiroz foi escrito aos vinte anos de idade. A produção do mesmo foi realizada em um período difícil da vida da jovem escritora.

Em plena atividade, uma doença mudou os planos de Rachel. A menina começou a cuspir sangue e ocorreu a suspeita de tuberculose. Sua mãe a proibiu de sair e de ficar lendo e escrevendo à noite e interrompeu de imediato os seus planos de pesquisa sobre a seca. (ACIOLI, 2003, p.55)

Doente e debilitada, Rachel buscava forças para dar continuidade aos estudos que vinha realizando. Persistente como era, continuou as pesquisas e escondida dos pais, escreveu sozinha, à luz de um lampião, o livro *O quinze*.

A casa era cheia de gente, crianças pra todo lado, era difícil concentrar-se nas leituras. Na casa do Pici não havia luz elétrica. À noite, Clotilde colocava um lampião de querosene no chão da sala. No caso de uma necessidade de ir à cozinha ou de sair, os moradores poderiam circular pela casa com segurança. Quando todos dormiam, imperava o silêncio. Rachel pegava o lápis, um caderno escolar e ia para perto do lampião deitar de barriga no piso da sala para escrever o seu livro sobre a seca. Assim, sem despertar suspeitas, Rachel escreveu um livro inteiro, que batizou com simplicidade: *O quinze*. (ACIOLI, 2003, p. 55-56)

O livro conta a história de Conceição e Vicente e a grande luta pela sobrevivência, em meio à seca, da família de Chico Bento que sai da cidade de Quixadá com destino à capital, Fortaleza. Depois de aprovado pela família, Rachel resolveu, com a ajuda do pai, publicar o primeiro romance. A princípio, a obra não foi bem aceita pela crítica. Logo depois, com a ajuda de um amigo que divulgou o livro em outras regiões, Rachel começou a receber todo o prestígio merecido e nomes assim como o de Graciliano Ramos, após a leitura do livro, tiveram a impressão de que aquela obra não poderia ter sido escrita por uma mulher e sendo essa uma de suas primeiras experiências literárias.

Diante de tantas críticas, boas ou ruins, o nome e a obra de Rachel ganharam notoriedade e a partir daí, foram surgindo convites de editoras, premiações a exemplo

do Prêmio Graça Aranha⁷ e contato com escritores consagrados. *O quinze* foi a porta de entrada para a publicação de outras obras e outros trabalhos desenvolvidos pela escritora cearense.

2.1 A seca e a Academia

Enraizada em suas obras, a temática da seca era recorrente nas publicações de Rachel de Queiroz que realizou muitas pesquisas e enxergou de perto esse problema ocorrido de forma tão castigante em 1915. Diferentemente de outros autores, ela buscava trazer um novo olhar para um tema tão sofrido.

Esses autores faziam descrições por demais realistas, mostravam os aspectos mais mórbidos causados pelo flagelo da seca. Urubus devorando crianças, cadáveres em decomposição, mortes violentas, tudo pintado em cores de um realismo chocante. As leituras despertaram na menina uma vontade de falar do tema de outra forma. Como um depoimento, sem aqueles exageros de uma realidade tão crua, um outro olhar sobre a seca. (ACIOLI, 2003, p. 54-55)

Através dessa abordagem, Raquel mostrava as consequências da seca vista pelos sertanejos e grandes proprietários de terras. Embora, as duas classes sofressem com os castigos provocados pelo clima devastador, a autora revelava as desigualdades que nem a própria miséria conseguiu destruir, pois o pobre continuou ainda mais pobre e mais submisso aos mais ricos.

“Chico Bento tirou do cinto a faca, que de tão velha e tão gasta nunca achara quem lhe desse um tostão por ela. Abriu no animal um corte que foi de debaixo da boca até separar ao meio o úbere branco de tetas secas, escorridas. Rapidamente iniciou a esfolação. A faca afiada corria entre a carne e o couro, e, na pressa, arrancava aqui pedaços de lombo, afinava alia pele, deixando-a quase transparente. Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu:- Olha pai! Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros:- Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado! Chico Bento, tonto, desnortado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas. O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro (...) E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... o Duquinha tão morto que já nem chorava...Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:- Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome!...

- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem vergonha! A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica. E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:- Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...A mãe se levantou do assento, e, trôpega ainda, tomou na mão as vísceras que sangravam:- Pois, meu filho, vá até aquela casa ver se arranja um tiquinho de água mode consertar e lavar... O pequeno

⁷ Prêmio Graça Aranha - premiação cedida pela Fundação Graça Aranha, lançada pelo escritor que deu nome à própria Fundação e sua esposa, Nazareth Prado.

bateu e pediu água. Na salinha, com a cabra morta sobre uma mesa, o homem gesticulava com fúria, contando a história à mulher; e vendo chegar o menino, voltou-se, feito uma onça:- Por aqui ainda, seu cachorro? Não tem água coisa nenhuma! Já pra fora! Deviam estar na cadeia! Vamos, já pra fora! Achou pouco o que ainda dei? Mas às últimas palavras, já Pedro ia longe, assombrado, numa carreira desabalada de cachorro enxotado. Chegou junto da mãe, chorando de vergonha e de susto:- o homem botou a gente pra fora, chamando tudo quanto é nome...E num foguinho de garranchos, arranjado por Cordulina com um dos últimos fósforos que trazia no cós da saia, assaram e comeram as tripas, insossas, sujas, apenas escorridas nas mãos.”(QUEIROZ, 2004, p.48)

Além de relatar os problemas como a seca, Rachel faz uso de suas publicações como forma de denunciar os abusos de autoridade. E a falta de compromisso dos políticos com os mais necessitados também são, severamente, criticadas pela escritora. Foi partindo dessa temática a seca que Rachel ganhou maior notoriedade no campo da literatura e assim, conquistou grande espaço em um lugar de domínio masculino.

Rachel de Queiroz era uma pessoa muito influente. Durante suas viagens, premiações e participação na política, conheceu renomados escritores, muitos até já integrantes da Academia Brasileira de Letras. Desse modo, não foi difícil a sua entrada à ABL diante das inúmeras campanhas lideradas por seus amigos.

Disputando a vaga da cadeira número 5 com o jurista Pontes de Miranda, Rachel venceu com 23 votos. Sua vitória teve grande contribuição dos amigos, mas o que levou a escritora à vitória foi a experiência e a singeleza presente em suas obras. Como o próprio Jorge Amado afirmou “a chegada de Rachel na Academia significava a quebra de um tabu” (AMADO Apud, Acioly)

O ano de 1977, de fato, ficou marcado na vida de Rachel, sendo a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, ela recebeu honras e mensagens de diversas personalidades públicas parabenizando-a pelo feito, a exemplo do presidente Geisel que chegou a afirmar que era um grande leitor de suas crônicas. Rachel conseguiu abrir caminhos, antes, nunca percorridos por mulheres.

2.2 Legado

Sem se prender a uma só temática, embora sendo a seca a mais recorrente em suas publicações, a escritora produziu textos que falavam sobre o amor, a infância e memórias, aliás, as obras de Rachel de Queiroz trazem um pouco da sua essência e da sua história.

Quando vêm me importunar com a exigência (que eu detesto) de escrever minhas memórias, a resposta que dou é sempre a mesma: quem quiser me

saber a biografia, leia as minhas crônicas. Pela data e o local de cada uma, já há uma informação. E tudo que comento, que canto e que exploro, foi tirado de meu dia-a-dia: o menino que me trouxe uma flor, o espetáculo de teatro a que assisti, as memórias de infância, as lembranças e apelos do Ceará, sempre me cantando no sangue. É os fatos políticos, já que sou essencialmente um animal político, sempre me interesse apaixonadamente por tudo que acontece nessa área (...) Também os sentimentos, angústias e esperanças, alvoroços de coração, saudades, perdas, promessas, e alegrias, tudo isso aparece na crônica, aberta ou disfarçadamente (...) Nos romances, claro que a gente se desvenda também. Mas há sempre a figura do personagem a mascarar a face do autor e, se na criação romanesca você também pode contar tudo, ou quase tudo, a variedade dos personagens estabelece a necessária confusão, e quase nunca o leitor vai saber se você se retratou na rapariga insolente e predadora, na velha amargurada de más lembranças ou, até mesmo, no personagem masculino que, apesar disso, tem tanto de sua alma. Afinal de contas, alma não tem sexo, dizem os que entendem dessas coisas do outro mundo. (QUEIROZ, 2002, p.3-4)

Traduções, romances e crônicas foram alguns de seus trabalhos. Diante de inúmeras leituras realizadas em casa, aos dezesseis anos de idade começou a escrever para jornais e poucos anos depois escreveu o seu primeiro romance. Apesar de uma carreira longa como escritora, Rachel escreveu poucos romances, como se costumava falar, a escritora não estava preocupada em quantidade de publicações e sim, na qualidade das mesmas. Ao todo, foram sete romances, iniciando com *O quinze* em 1930; *João Miguel*, 1932; *Caminho de Pedras*, 1937; *As três Marias*, 1939; *Dôra*, *Doralina*, 1975; *Galo de ouro*, 1986 e *Memorial de Maria Moura*, 1992. Algumas dessas publicações ganharam destaque na televisão em versões de minisséries que não agradaram muito a escritora cearense.

Além dos romances, Rachel também escreveu para o teatro e literatura infantil, tendo sido, de igual modo, produtora qualificada do gênero crônica, ao qual conferiu estatuto de literatura da melhor qualidade. Quanto a sua contribuição referente a esse gênero a escritora cearense afirma: “Sou uma contumaz usuária do gênero, só na ‘Última página’ da revista *O Cruzeiro* fiz crônicas durante trinta anos cravados: do início de 1945 até quando a revista fechou, em 1975”(QUEIROZ, 2002, p.3).

Durante muitas décadas, a escritora produziu inúmeras crônicas veiculadas em jornais. Jornalista de batente, Rachel de Queiroz trouxe para as suas crônicas o coloquialismo, a linguagem espontânea e próxima da oralidade, inteiramente desprovida de qualquer excesso retórico. Nisso, dentre outros aspectos, se constituía o caráter altamente moderno das suas crônicas, as quais, durante muito tempo, impuseram-se como a leitura obrigatória de tantos quantos passaram a admirar o estilo da consagrada escritora

3. CRÔNICA, UM NOVO JEITO DE FALAR DO COTIDIANO

Rachel foi pioneira duas vezes, foi pioneira não só sendo a mãe e madrinha do romantismo brasileiro, mas também em ter sido a mulher que mais se destacou na literatura, pela própria vivência dela.

Carlos Heitor Cony

Ao se estudar o gênero crônica, é comum surgirem alguns questionamentos, dentre eles, o que diz respeito a sua definição. Afinal, o que é crônica? SOARES (1989), em seu texto, definirá a crônica como sendo acontecimentos relatados cronologicamente atingindo seu ponto alto no período da idade média⁸. Para todo efeito, a crônica surgiu, de fato, com o caráter de relatar e informar aquilo que era presenciado.

Com o passar dos tempos, mais precisamente a partir do século XIX, a crônica perde um pouco da sua funcionalidade histórica, assumindo assim, a literariedade. Um dos traços mais marcantes desse gênero é a sua linguagem, encharcada de um coloquialismo e uma simplicidade capaz de aproximar de forma intimista autor e leitor. Não é engano, por sua vez, afirmar que esse é o gênero literário mais sugestivo para conquistar e fidelizar leitores.

(...) sendo assim ela fica mais perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura (...) Por meio dos assuntos, da composição solta, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural (...) pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (...) e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um. (CANDIDO, 1996, p.23-24)

⁸ Idade Média – período entre século V e século XV. Nesse período, eram escritos a nível informativo, para descrever os acontecimentos históricos, a exemplo das grandes navegações, no início do séc. XV.

Por trazer fatos do cotidiano, muitas vezes até relacionados às notícias apresentadas nas demais páginas do jornal, a crônica assume uma função também jornalística. Embora, como já foi destacada, a literariedade sempre se sobressai. A própria Rachel de Queiroz diante da função que exercia como cronista, considerava-se também jornalista. Affonso Romano de Sant'Anna, em seu livro intitulado *A sedução da palavra*(2000), apresenta a seguinte afirmação sobre esse aspecto do jornalismo e crônica:

Ela pertence à série jornalística e à série literária. É escrita em jornais e revistas que são consumidos rapidamente e esquecidos. Mas, se for realmente um produto literário, será logo resgatada em livro. Neste sentido, o trajeto do gênero se parece com o trajeto do autor: começa como jornalista e termina como escritor. O jornalista é um escritor em potencial. O escritor é um jornalista que liberou sua subjetividade (...) O cronista é um jornalista a quem é permitido falar em primeira pessoa. Mas esse “eu” é um “eu” de utilidade pública, como o “eu” do escritor. (SANT'ANNA, 2000, p.202-203)

3.1 Crônica, o gênero híbrido e autenticamente brasileiro

Outro ponto bastante discutido no que diz respeito ao estudo da crônica é sua proximidade a outros gêneros literários a exemplo do conto, ensaio, poema. A crônica é um gênero ambíguo uma vez que se inclina para o ensaio e para outros gêneros literários sem se confundir com nenhum deles. O ensaio é marcado pelo aprofundamento da temática, dos personagens, enquanto que a crônica é abrilhantada com a superficialidade das coisas, diga-se simplicidade, o “dom” de falar de várias coisas, sem aprofundá-las, apenas para situar o leitor.

Segundo Massaud Moisés (1985), a crônica quando exercendo seu caráter propriamente literário pode aproximar-se do ensaio ou da poesia. Há crônicas que roçam o ensaio, mas sem perder a leveza que as essencializa. Há outras que dialogam com o conto, com a poesia.

A crônica assume essa aproximação ao conto devido a subjetividade, ao mesmo tempo em que se afasta no momento em que o conto traz consigo uma intenção. Tratando-se da poesia, a crônica aproxima-se da mesma quando explora a temática do “eu”, da imagem, ritmos e das figuras de linguagem.

Conhecida como folhetim⁹, a crônica era veiculada nas páginas de jornal apresentando de forma literária e fragmentária, por assim dizer, acontecimentos do cotidiano. Mesmo “morrendo” todos os dias, uma vez que o jornal tem essa particularidade de tornar as notícias e informações veiculadas, nela mesma, desatualizadas a cada novo jornal que surge, a crônica vai sobrevivendo a tudo isso. Em um País abarrotado de cronistas por todos os lados, ela sempre se renova, nunca se deixando morrer ou tornar-se esquecida, assim como fizeram Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Humberto de Campos, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, Rubem Alves, Machado de Assis, a própria Rachel de Queiroz dentre tantos outros nomes da nossa literatura.

Sendo originada na França, a crônica expandiu-se pelo mundo e, no Brasil, ganhou a sua representatividade suprema tornando-se um gênero tipicamente brasileiro.

Mas foi ao longo do século XX que a crônica se firmou entre nós (...) o que marca a crônica brasileira é que, em nossa literatura, ela se torna um espaço de liberdade. A grande novidade da crônica que se firmou ao longo do século XX no Brasil é exatamente esta: sua radical liberdade. A crônica traz de volta à cena literária o gratuito e o impulsivo. O cronista não precisa brilhar, não precisa se ultrapassar, não precisa surpreender, ou chocar; ele deseja, apenas, a leveza da escrita. Cada um fez, e faz da crônica o que bem entende. Nenhum cronista pode ser julgado: cada cronista está absolutamente sozinho. (CASTELO, 2007)

3.2 Classificação

Encontrando aqui, sua liberdade para ser escrita, a crônica também encontrou outro fator bastante discutido e divergente no campo literário no que diz respeito à sua classificação em gênero maior ou menor. Assim, Eduardo Portella (2002) afirma:

A crônica de jornal mesmo que progressivamente consolidada jamais conseguiu evitar os preconceitos da teoria literária opulenta e predatória, toda interessada em dividir o trabalho da linguagem em gêneros maiores e espécies menores. Diga-se em seu abono que a crônica nunca levou muito a sério essa trama virtuosa que se tecia ao seu redor. E tem sido assim: desclassificada, a crônica não tarda em se impor como entidade inclassificável. Diria até que saudavelmente desdenhosa das classificações. (PORTELLA, 2002, p.225)

Antonio Candido (1996), por sua vez, irá defender a ideia da crônica como gênero menor, e que talvez por esse motivo, ela seja tão próxima do leitor e do dia a dia

⁹ Folhetim – texto curto, veiculado nos jornais, que tratava do cotidiano.

devido à construção de uma “linguagem que fala perto ao nosso modo de ser mais natural” e ainda justificando esse posicionamento, Candido destaca que o gênero não poderia assumir o “*status*” de gênero maior, uma vez que não poderia comparar o trabalho dos cronistas ao dos grandes romancistas e nem se imaginaria atribuir o Prêmio Nobel a um cronista.

Por outro lado, Sant’Anna (2000) posiciona-se de forma mais sensata e coerente, atribuindo que essa classificação é dispensável, afinal não se pode atribuir valor maior ou menor, pois quem faz o gênero ser maior ou menor não é ele mesmo e sim, quem o produz. Acerca desses processos rígidos de hierarquização do fenômeno literário, Sant’Anna afirma que “não há gênero menor. Há pessoas menores ou maiores diante de certos gêneros”.

4. ANÁLISES

Nós temos muitas princesas, mas rainha, uma só, Rachel de Queiroz, assim ela será lembrada, a vida inteira como a maior escritora brasileira de todos os tempos.

Arnaldo Niskier

Rachel de Queiroz exerceu um grande papel na literatura brasileira como cronista. A crônica foi, sem dúvida, o gênero que se fez mais presente nela e ela, nele. Afinal, como não reconhecer essa relação intimista entre a autora e o gênero que durou, estando ela em vida, mais de cinco décadas e sendo depois registrado e perpetuado através dos livros?

O livro *Cenas brasileiras* da série *Para gostar de ler* apresenta vinte e cinco crônicas selecionadas dentre as inúmeras produzidas pela autora com temas diversos. De modo amplo, o livro traz temáticas como o amor, a seca, a religiosidade e a infância, sendo esta última bastante recorrente ao longo do livro.

4.1 “Seca”

Quando se pensa em Rachel de Queiroz logo vem à mente o modernismo caracterizado pelo regionalismo em sua segunda fase e, desse modo, vem à menção a terra natal da escritora e os problemas da seca. A crônica intitulada “A seca” é o segundo texto que compõe o livro e faz uso dessas experiências pessoais que marcaram a infância da escritora, no Ceará, durante esse período de estiagem. Curta, peculiaridade do gênero e marcada ainda por uma linguagem simples, próxima da oralidade, verifica-se na crônica em apreço, a construção de um diálogo que enfatiza essas raízes sertanejas, mostrando o perfil psicológico dos personagens tão diferentes e ao mesmo tempo, tão semelhantes em cada gênero. A autora consegue, ainda, diante do desenvolvimento dessa temática, levar o seu leitor fiel a estabelecer uma forte ligação entre a crônica e o romance *O quinze*. É perceptível, a partir da leitura da crônica, verificar várias semelhanças no que diz respeito à condição humana de cada personagem, um pobre que foge com a família da seca, o fazendeiro, dono de grandes

terras; a submissão da família e as dificuldades encontradas diante desse problema, o espaço representado através da fazenda e a árvore.

O primeiro ponto que faz acreditar que Rachel ao escrever a crônica, tomou como referência o romance *O quinze* é o trecho destacado como “MORALIDADE”. Além disso, percebe-se aqui uma ligação entre o gênero crônica e o conto, uma vez que é recorrente o uso de “Moral da história”.

MORALIDADE: este caso aconteceu mesmo. Faz mais de trinta anos escrevi uma história de cabra morta por retirante, mas era diferente. Então, o homem sentia dor de consciência, e até se humilhou quando o dono do bicho morto o chamou de ladrão. Agora não é mais assim. Agora eles sabem que a fome dá um direito que passa por cima de qualquer direito dos outros. A moralidade da história é mesmo esta: tudo mudou, mudou muito. (QUEIROZ, 2002, p.17)

Fica claro que a história de Chico Bento em *O quinze* e sua família foi “resgatada” anos mais tarde. Chico Bento é o símbolo do homem sertanejo que diante a condição de miséria fica condenado à morte junto a sua família durante o refúgio da cidade de Quixadá à capital Fortaleza. Após uma longa caminhada, vencida pelo cansaço e fome, encontra a esperança de garantia de mais alguns dias de vida saciando a fome através de um animal que surge no caminho. Diante da condição física e psicológica já dilacerada em meio às inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, Chico Bento tira a vida do animal e, no prazer que lhe percorria ao verdadeiro alimento garantido, eis que um homem se aproxima exigindo de volta a sua cria.

Sem medir palavras, o dono do animal usa de sua condição social para exigir o que de fato lhe pertencia, mas sem se preocupar com a condição daquela pobre família. De forma humilhante, mesmo após as provocações do senhor, Chico Bento implora por uma pequena porção que possa amenizar a fome do filho e da esposa.

Chico Bento tirou do cinto a faca, que de tão velha e tão gasta nunca achara quem lhe desse um tostão por ela. Abriu no animal um corte que foi de debaixo da boca até separar ao meio o úbere branco de tetas secas, escorridas. Rapidamente iniciou a esfolação. A faca afiada corria entre a carne e o couro, e, na pressa, arrancava aqui pedaços de lombo, afinava alia pele, deixando-a quase transparente. Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu:- Olha, pai! Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros:- Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado! Chico Bento, tonto, desnorteado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas. O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro (...) E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada... o Duquinha tão morto que já nem chorava...Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera,

suplicou, de mãos juntas:- Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome! (QUEIROZ, 2004, p.49)

A crônica presente em *Cenas brasileiras*, por sua vez, mostra um “Chico Bento” mais decidido, sem medo, capaz de enfrentar até mesmo, aquele que se acha superior devido sua condição social.

A partir do fragmento, é possível perceber a existência de um poder, um autoritarismo inerente na fala e nos gestos do fazendeiro que indo ao encontro da família retirante já gritava e gesticulava, no meio do caminho, transparecendo toda sua raiva ao ver o seu animal morto. Ao mesmo tempo em que temos na representação da fala e dos gestos de Chico Bento que quase cai de joelhos, a súplica pelo alimento, a dor pela perda daquilo que garantiria a sua sobrevivência e de sua família por mais alguns dias. O romance, assim como outras obras da escritora é marcado pela descrição detalhada das coisas e isso fica notável na descrição que ela faz do abatimento do animal.

Era hora do almoço dos trabalhadores. Enquanto os homens comiam lá dentro, o fazendeiro velho sentava-se na rede do alpendre, à frente de casa espiando o sol no céu, que tinha como vidro; procurando desviar os olhos da água do açude, lá além, que dentro de mais um mês estaria virada em lama (...)O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede, a escutar a voz grossa e áspera, tal e qual quem falava:

- Cidadão, vim lhe vender este couro de bode.

Aquele “cidadão”, assim desabrido, já dizia tudo. Ninguém chega de boa tenção em terreno alheio sem dar bom-dia, e tratando o dono da casa de cidadão (...)

- O quê? Que é que você quer?

O homem escuro botou o couro em cima do parapeito e o sangue escorreu num fio pela cal da parede:

Estou arranchado com a minha família debaixo daquele juazeiro grande, ali. Essa cabra passou perto – não sei de quem era. Matei, e a mulher está cozinhando a carne para se comer. Agora, o couro – o senhor ou me dá dinheiro por ele, ou me dá farinha.

- E de quem é essa cabra? É minha? Quem lhe deu ordem para matar?

O velho estava tão furioso que o dedo dele, espetado no ar, tremia. E o loureba esfarrapado chegou perto e deu a sua risadinha:

-Ninguém perguntou a ela o nome do dono...

Mas o outro, sempre sério, olhou o velho na cara:

- Matei com ordem da fome. O senhor quer ordem melhor? (...) (QUEIROZ, 2002, p.15-16)

O espaço e a ambientação ocupam lugar de destaque nas narrativas. Percebe-se, por exemplo, que o início da crônica descreve o espaço ocupado pelo fazendeiro naquele momento. A escritora à medida que descreve o local de forma realista, com

toda a poeticidade e lirismo, enfatiza a temática abordada, a seca, dando destaque aquele elemento que parece ser o causador da falta de água, da fome e o maior vilão de todos os transtornos causados durante a estiagem, o sol, além de propiciar, ao leitor, esse “diálogo”, imagens através da descrição de todo esse cenário.

Ao mesmo tempo, tanto a crônica quanto o romance trazem a figura da árvore, o juazeiro, utilizado como sombra diante do sol escaldante no período de estiagem, ela também aparece representada em ambos, como o local do aconchego, da união da família, o refúgio e até mesmo a esperança quando os animais surgem justamente nesse ambiente.

No que diz respeito à reação dos dois proprietários, Rachel, no romance, traz um senhor muito mais frio se comparado ao da crônica, sem compaixão ao próximo mesmo diante da condição sub-humana de Chico Bento e sua família, sendo capaz de tomar o animal já morto e aberto a ter de deixá-lo para um “ladrão” como assim se refere, entregando-lhe apenas, da forma mais humilhante e desumana possível, os miúdos do animal.

- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra. Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica. E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:- Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez dar-se tripas é até demais!...(QUEIROZ, 2004, p.50)

Aqui, fica perceptível a liberdade que Rachel tem no que diz respeito à linguagem presente na obra. O uso do coloquial e regional utilizado pela autora através de elementos como “Cabra”, “Sem-vergonha!”, “tripas” faz o leitor se sentir mais próximo do texto. Com personagens marcados por uma simplicidade acentuada, Rachel faz uso dessa linguagem sem eloquência, bem próxima à realidade de seus personagens. No uso dessa linguagem simples e próxima da realidade retratada nos dois textos, a cronista toma a poeticidade através da reflexão garantida pelas condições humanas representadas em cada personagem.

A linguagem marcada nesse trecho também registra o conflito entre o “eu” e o “outro”. O fazendeiro transborda toda sua raiva, assumindo uma posição cada vez mais dura com a vida e com Chico Bento. A fala do personagem mostra um homem sem humildade e sensibilidade, negando-se a partilhar do que tem com o próximo. Por dispor de uma boa aquisição financeira, ao contrário da condição econômica de Chico

Bento, despreza-o, usando um discurso cheio de elementos que desprezam a condição de Chico Bento e de sua família, humilhando-o a cada gesto e palavra utilizados.

Do outro lado, temos um personagem humilde, sofrido que diante da necessidade em que se encontrava, mostrou-se arrependido e culpado pela morte do animal, diferentemente, do personagem retratado na crônica. Chico Bento já não mais fala, apenas escuta as ofensas do fazendeiro e engole aquilo que gostaria de dizer, mas que a época, talvez, não permitia, pois o pobre seria sempre o submisso do mais rico.

Entende-se desse modo, partindo dessas posturas e reações dos personagens, que Rachel pretendeu mostrar que no quadro da miséria e penúria sempre existirá um grupo que irá se sobrepor a outro.

Outro momento retratado nas duas obras, mas com reações diferentes dos personagens, diz respeito ao momento em que as duas famílias solicitam aos senhores farinha para complementar o alimento do dia.

A mãe se levantou do assento, e, trôpega ainda, tomou na mão as vísceras que sangravam:- Pois, meu filho, vá até aquela casa ver se arranja um tiquinho de água mode consertar e lavar...O pequeno bateu e pediu água. Na salinha, com a cabra morta sobre uma mesa, o homem gesticulava com fúria, contando a história à mulher; e vendo chegar o menino, voltou-se, feito uma onça:- Por aqui ainda, seu cachorro? Não tem água coisa nenhuma! Já pra fora! Deviam estar na cadeia! Vamos, já pra fora! Achou pouco o que ainda dei? Mas às últimas palavras, já Pedro ia longe, assombrado, numa carreira desabalada de cachorro enxotado. Chegou junto da mãe, chorando de vergonha e de susto:- o homem botou a gente pra fora, chamando tudo quanto é nome...E num foguinho de garranchos, arranjado por Cordulina com um dos últimos fósforos que trazia no cós da saia, assaram e comeram as tripas, insossas, sujas, apenas escorridas nas mãos.(QUEIROZ, 2004, p.50)

Nesse trecho, extraído de “O quinze”, a autora representa o sentimento de misericórdia inexistente no proprietário do animal que se mostra indisposto a ajudar a família. Negando primeiro a carne, deixando apenas, por um ato de maior humilhação e, em seguida, negando-lhe a farinha até mesmo à criança. A crônica, no entanto, mostra um fazendeiro “sensibilizado” com a situação da família, mesmo sendo “desafiado” pela mesma.

Nesse pé o fazendeiro, para acabar com a história, resolveu mostrar bom coração; e gritou para o corredor:

- Menina! Manda aí uma cuia com um bocado de farinha! Depois, retornando ao homem:

- Eu podia mandar prender vocês, para aprenderem a não matar bicho alheio! Mas têm crianças, não é? Tenho pena das crianças! Leve essa farinha, comam e tratem de ir embora. Daqui a uma hora quero o pé de juazeiro limpo e vocês na estrada. Podem ir!

O homem recebeu a cuia, não disse nada, saiu sem olhar para trás. O outro o acompanhou, meio temeroso, tirou ainda o chapéu em despedida, e pegou no passo do companheiro. O velho reclamava em voz alta – cabra desgraçado, além de fazer o malfeito, recebe o favor e nem sequer abana o rabo. (QUEIROZ, 2002, p.16)

Ainda que não perca a postura autoritária retratada no uso dos imperativos “mandar prender”, “Manda aí uma cuia”, “comam e tratem de ir embora”, “Daqui a uma hora quero o pé de juazeiro limpo”, “Podem ir!”.

O que leva Rachel de Queiroz a resgatar o mesmo tema e praticamente a mesma história em uma crônica 30 anos depois, mudando, apenas, alguns traços dos personagens? Embora, perceba-se uma nítida semelhança entre as duas obras, Rachel tenta mostrar que com o passar do tempo as pessoas passam a agir de modo diferente. Para um, a fome não lhe dava o direito de tirar a vida de um animal que não lhe pertence, para o outro, a fome rejeita todo e qualquer ato ético, o que vale é a sobrevivência. Além disso, a escritora quer mostrar a condição humana nas duas épocas, destacando a persistência do problema da seca trinta anos depois.

Seria mesmo a seca uma consequência do sol castigante, como retratado no início de sua crônica “(...) espiando o sol no céu, que tinha como vidro; procurando desviar os olhos da água do açude, lá além, que dentro de mais um mês estaria virada em lama” (QUEIROZ, 2002, p.14). Em pleno século XXI, em meio ao processo acelerado de informatização e industrialização que vem desenvolvendo tecnologias de última geração ainda morre-se de sede, ainda morre-se de fome, ainda falta água e melhor distribuição de renda. Acredita-se, portanto, que esse resgate 30 anos depois da mesma temática é consequência da existência do mesmo problema, provocada por uma política mal estruturada, incompetente e desumanizada como os fazendeiros (personagens) retratados nas duas obras que se mostram indispostos a ajudar os milhões de “Chico Bento” existentes neste País.

4.2 “Amor à primeira vista”

Conforme já vinha sendo destacado, ao longo desse trabalho, Rachel de Queiroz tinha uma variedade de temática abordadas em suas crônicas e demais publicações, no entanto, é comum os escritores se voltarem um pouco mais para algumas temáticas, deixando-as cada vez mais recorrente em seus trabalhos.

Em “Amor à primeira vista”, crônica que integra o livro *Cenas brasileiras*, por exemplo, a escritora retoma, de forma unificada, as temáticas do amor e da infância. A liberdade é a grande aliada dos cronistas que permite a eles transparecerem a leveza em seus textos. Rachel, assim sendo, usa uma linguagem carregada de adjetivos que qualificaram o ser até então desconhecido em um primeiro momento na obra.

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto. Assim diz a modinha e assim é verdade. Meu Deus, eu já tinha ouvido falar nele. Já tinha mesmo apreciado um retrato. Com aqueles olhos amendoados, o misterioso sorriso esquecido na boca e aquele abandono confiado de quem conhece muito bem a que braços se entrega, de quem só espera o bem, pois nem sabe que existe o mal. O principal, como já falei, são os olhos. E depois a meiguice. E o beicinho que se encrespa quando faz manha; e como é cheiroso, Senhor, cheiroso. Cheira a flor e a talco, mas cheira principalmente a fruta madura, talvez a maçãs no momento em que são colhidas, talvez àquelas uvas que dão vinho rosado, doces e queimadas de sol. E sereno. Tranquilo, natural e pacífico, ainda intocado pela pressa do mundo. (QUEIROZ, 2002, p.83)

Esse desconhecimento do personagem “adjetivado” provoca no leitor, inúmeras possibilidades de leituras e imagens de quem poderia estar sendo retratado, uma vez que o próprio título “Amor à primeira vista” já pressupõe a história de um grande amor existente entre homem e mulher.

O uso do diminutivo representado pelos termos “beicinho” e “mãozinha”, por sua vez começa a levar o leitor para outro tipo de leitura até então, despercebida. Ao mesmo tempo em que se pode pensar no uso desse aspecto linguístico como elemento para simbolizar o afeto, a delicadeza e cuidado do homem amado para com a mulher, percebe-se que esse elemento linguístico pode estar se referindo a uma criança, o que pode ser comprovado no seguinte trecho:

Ficou no meu colo bastante tempo, quase imóvel, agitando vagamente um braço ou uma perna, me fitando com aqueles olhos que são o seu encanto maior. Olhos tão inocentes e que trazem dentro de si, por isso mesmo, toda a sabedoria das coisas que nascem completas. Mas não eram olhos vagos de recém-nascido, eram olhos de quem já enxerga, de quem assinala uma pessoa e, fitando-a, de certo modo toma posse dela e a incorpora ao seu mundo. Houve um momento em que ele pôs a mãozinha no meu rosto e deixou-a estar assim vários minutos. (QUEIROZ, 2002, p.83)

Logo em seguida, a escritora traz a abordagem do poder, vista antes na crônica “seca”, inserida nos personagens (fazendeiros). O poder, ali, era retratado como ferramenta utilizada pela necessidade que eles tinham de se sentir superior àqueles menos favorecidos. Nesta crônica, por sua vez, o poder tem uma abordagem diferente.

Primeiro, que não era uma exploração financeira que acontecia, era uma exploração afetiva, se poderia dizer. Segundo, aqui o explorador era justamente aquele que pela sua condição física, tão pequena e indefesa, ainda não sabia falar ou sequer andar, mas tinha a magia de explorar através do olhar, de sua beleza e de alguns pequenos gestos.

Houve um momento em que ele pôs a mãozinha no meu rosto e deixou-a estar assim vários minutos. Parecia fazê-lo intencionalmente, como para mostrar o seu poder, dizer “se eu quisesse, você era minha, bastava que eu fizesse mais força com a mão: pois não estou vendo que já está cativa, que tem os olhos cheios de água, que era capaz de ficar de joelhos olhando para mim o resto da vida?” Por fim retirou a mão e sorriu – mas não sei para quem sorriu. (QUEIROZ, 2002, p.83)

É perceptível na crônica, a preocupação da escritora cearense com a formação daquela criança. Hoje, por exemplo, é uma criança cheia de amor, pureza, mas pelo fato de já estar inserido neste mundo cheio de desafeto, já foi contaminado pelas impurezas da vida.

Ainda não é homem, ainda não é nem mesmo gente, mas também já não é mais anjo, já participa da condição humana, já chora, já sofre dor, já tem medo, já deseja as coisas, já possui criaturas e objetos, já tem preferências e antipatias. E pensar que naquele corpinho de flor, que cabe quase todo nas palmas das minhas mãos, está um homem em potência. Já está o ser inteiro ali, completo e indivisível, com o seu destino marcado, com a sua personalidade escolhida, tal qual está a árvore dentro da semente. (QUEIROZ, 2002, p.84)

A cearense também chama à atenção que no tempo oportuno, o mundo conspirará contra esse estado idealizado das coisas. A cronista mostra, aqui, todo o realismo que norteia a sua percepção da realidade. Não somente o mundo se encarregará de mostrar o seu lado áspero e perigoso ao menino. O próprio menino também não será mais o mesmo. Ao chegar à idade da maturidade, ou até antes disso, também experimentará, para o bem e para o mal, inúmeras transformações em seu ser e em seu comportamento.

Agora é uma coisinha de amor, a que só amor tem direito. Mas deixai que se passem alguns anos, e a misteriosa coisinha que nos palpita nos braços, que cheira a fruta madura e nos rouba o coração sem saber o que faz, terá se virado num ente adulto e grave, um homem com todo o seu poder e todos os seus recursos de homem, senhor da sua vida, capaz de escolher entre o bem e o mal – que só o bem escolherá, naturalmente, benza-o Deus. (QUEIROZ, 2002, p.84)

Percebe-se ainda que a escritora faz uso de uma linguagem diferente para cada momento delimitado no texto, por exemplo, ao retratar do menino no tempo presente a escritora explora do lirismo, da ternura, utilizando para isso, adjetivos impregnados de uma significação positiva. Ao mesmo tempo, em que ela faz uso de elementos negativos, a exemplo de “mentiras”, “armas”, “enganar”, “guerras”, para representar o tempo futuro daquele ser, sinalizando os aspectos negativos da existência humana. Esse recurso utilizado pela escritora provoca o contraste, a oposição entre os elementos dando ao texto um estilo barroco através desse dualismo.

Aquelas mãozinhas de miniatura vão ser mãos de homem, destinadas ao trabalho, ao trato com máquinas, com livros, com utensílios do seu labor de homem – quem sabe até com armas de guerra, se mais tarde ainda houver guerras. E aqueles pés que nunca sentiram o contato do chão, que a seda mais fina pode ferir, irão calçar a terra com força, e firmarem-se nela tomando posse de seu lugar ao sol, e percorrerão caminhos e escalarão montanhas. E aquela boca vai tomar o desenho que compete a uma boca viril e irá aprender todas as palavras, palavras de amor com que há de enganar as mulheres, e palavras ásperas de luta e negócios entre homens, e repetirá teoremas, e recitará versos, e falará línguas estranhas. E aquela cabecinha miúda irá abrigar pensamentos de homem, e conhecimentos, e verdades e talvez mentiras, se mentiras lhe ensinarem. E o pequeno coração que pulsa agora como um brinquedo engenhoso vai receber toda a carga comum ao nosso triste coração humano, e conhecerá o amor e a cólera, e, se Deus quiser, a alegria e a coragem, a felicidade de viver e o prazer do trabalho fecundo. (QUEIROZ, 2002, p.84)

Portanto, diante dessa abordagem, percebe-se que Rachel de Queiroz retoma aquela moralidade apresentada na crônica intitulada “seca” que as coisas mudam e o tempo muda as pessoas e nem sempre, para melhor.

4.3 “Os filhos que eu nunca tive”

Ainda nessa mesma perspectiva temática, infância e amor, Rachel de Queiroz na crônica intitulada “Os filhos que eu nunca tive” narra a história de três garotos aventureiros que saem a perambular pela cidade buscando meios de conseguir uns trocados. Em uma de suas caminhadas chegam até uma casa e lá pedem a uma senhora que os atendeu à porta alguns níqueis para comprar o almoço. A senhora então, propõe aos garotos que eles almozem com ela, lhes garantindo ainda os níqueis conforme o combinado.

Feito esse apanhado do que irá tratar a narrativa, partiremos para a análise destacando o primeiro aspecto, a descrição. A primeira característica marcante e notável na crônica é a descrição com que Rachel faz dos personagens e ambiente. Logo no início, ela irá apresentar o momento em que os três garotos chegam à casa da senhora e de forma minuciosa, descreve as características de cada um dos garotos.

Bateram no portão, fui ver. O garoto rebocava os outros dois, embora não fosse o mais velho. O mais velho era um crioulinho de ar estonteado sem os dois dentes da frente; calçava umas chuteiras grandes de jogador de futebol, dependuradas como duas bolsas às canelas finas. O segundo garoto era bem miúdo, nos seus nove ou sete anos, ainda chupava dedo e tinha pestanas tão compridas que lhe faziam sombra na cara pálida e bochechuda. Mas o importante era o caudilho da turma – dez, doze anos talvez, quem sabe mais; com esses amarelinhos raquíticos a gente nunca pode dizer. Fala rouca, olhar direto, pequenas mãos nervosas que gesticulavam ajudando a fala, camisa de meia, calça comprida, cigarro na mão. (QUEIROZ, 2002, p.37)

Apesar da pouca idade, o texto mostrará uma “maturidade” do caudilho da turma, um homem em forma de criança que mesmo sendo o mais novo, liderava o grupo, já fumava e sempre trabalhou. Sendo o líder do grupo, iniciou o diálogo com a senhora explicando o motivo de estarem ali “Quando me viu, atirou fora a bagana, num gesto de cavalheiro. Explicou que não estavam pedindo esmola –mas andavam longe de casa e queriam uns níqueis para o almoço” (QUEIROZ, 2002, p.37)

Diante da condição dos três garotos e num gesto de compassividade, a dona da casa os convida para almoçar junto com ela. Desconfiados da atitude da senhora, os garotos se consultam, mas acabam aceitando o convite.

Nesse gesto de amor e compaixão acometido pela personagem diante da condição humana dos garotos, entendamos o que MARTINS & ARANHA (1991) falam sobre o amor.

O exercício do amor supõe a descoberta do outro. Por isso o amor envolve o respeito, não no sentido moralista que rotineiramente se dá a esse conceito, não como temor resultante da autoridade imposta. Respicere, em latim, significa “olhar para”, ou seja, o respeito é a capacidade de ver uma pessoa como tal, reconhecendo sua individualidade singular (...) O amor supõe a liberdade, e não a exploração: o outro não é alguém de quem nos servimos. O amor maduro é livre e generoso, fundando-se na reciprocidade. (MARTINS & ARANHA, 1991, p.356)

Neste momento, faz-se necessário um comparativo entre as crônicas “Um filho que eu nunca tive” e “Seca”. Percebe-se com clareza que as formas de agir dos dois

personagens diante à condição humana daqueles desassistidos pela sorte e retratados no livro é totalmente controversa. Enquanto o fazendeiro de “Seca” se nega, em um primeiro momento, a ajudar a família de retirantes, aqui, a personagem rapidamente propõe-se a ajudar os três meninos. A atitude da senhora, sabendo que é incomum na sociedade capitalista, onde cada um está preocupado com o “eu”, esquecendo-se do outro, desperta nos garotos a sensação de estranheza diante a atitude tão nobre da mulher.

Desse modo, a escritora Rachel de Queiroz desenvolve outra forma de reagir-se diante a condição sofrida de algumas pessoas. O destaque aqui é mostrar que existem pessoas que têm amor ao próximo, mesmo vivendo em um mundo cercado de maldade, inveja e poder. Aqui, em “Os filhos que eu nunca tive”, o poder é usado como elemento para fazer o bem, ajudar ao próximo no gesto de doação de alimento e no diálogo, a vontade de conhecer o outro.

Esse sentimento de amor e compaixão fica ainda mais evidente ao final da história. Quando a senhora feliz com a presença dos garotos em sua casa, logo é obrigada a despedir-se deles, ficando apenas a boa lembrança da companhia dos meninos.

Acabada a última banana, levantam-se, o chefe põe a casaquete e lembra delicadamente o dinheiro do ônibus.

- Você vieram foi de ônibus?

Eles sorriem. Vieram de carona, num caminhão da Aeronáutica. O motorista tinha cara de bonzinho, nós dissemos que éramos da Ilha, tínhamos fugido para o Rio e estávamos perdidos. O cara passou um pito, disse que quem não cuida dos filhos devia entregar ao Juiz de Menores, mas acabou mandando a gente entrar.

Tentei detê-los por mais tempo; eles porém tinham pressa, ou estavam desconfiados. Prometeram voltar a qualquer oportunidade. O difícil é a primeira vez, não é mesmo? E além do mais, não chegaram a ver a concentração do Vasco.

Dei o dinheiro, deixei-os sair. Que é que podia fazer? Conselho eles não aceitam. Chamar autoridade, para quê?

Autoridade não resolve, prende.

Os garotos saíram. Fiquei a olhá-los, do portão. Dez metros além o pequenino voltou-se, deu adeus com a mão. Me apertou o coração, dei adeus também, fechei o portão devagar. (QUEIROZ, 2002, p.41-42)

Nesse trecho, portanto, é possível ainda identificar a denúncia retratada pela escritora, ao afirmar que “autoridade não resolve, prende”. Ou seja, não se busca conhecer os problemas e resolvê-los da melhor maneira possível. Resolve-se da maneira mais prática e conveniente, prendendo-os. Como também é possível identificar através

da atitude dos garotos, a malandragem e esperteza dos mesmos que utilizam todas as façanhas para tentar conseguir aquilo que almejam.

Diante do caráter denunciativo apresentado por Rachel de Queiroz referente ao modo de agir das autoridades, a escritora também aborda na presente crônica alguns problemas da condição humana enfrentadas pelas crianças, a exploração e o trabalho precoce como forma de sobrevivência.

Quanto ao Alcir – bem, vê-se que é camarada vivido e experiente. Diz que esteve internado no SAM (a sigla do Serviço de Assistência a Menores é uma constante na conversa de garotos dessa espécie), depois espontaneamente explica que é mentira – ou antes, um modo de dizer (...) Alcir tem vontade de comprar um carro de praça e fazer ponto no Lido. Já foi várias vezes a Copacabana, mas ali é preciso ter cuidado para a gente não se perder. Acima de tudo, Alcir é um homem livre. Não tem pai nem mãe, mora oficialmente com os tios, mas passa dias sem aparecer em casa. A tia é uma chata, o tio tem uma tendinha de vender cachaça e pastel, e tem mania de botar Alcir no pesado. Um dia deixou que um bêbado se metesse a dar cascudos no sobrinho; nesse dia Alcir se zangou e passou duas semanas sem aparecer (...) Aos sábados, ajuda a lavagem dos ladrilhos num botequim da Rua América, ganha um prato e uma grujinha que dá para o cigarro. Não é carregador de feira porque tem uma dor no umbigo, não aguenta peso. (QUEIROZ, 2002, p.39 - 40)

Ou ainda no seguinte trecho que irá descrever a vida do outro personagem, Zica:

Zica é dos três o único que tem mãe e pai. O pai está doente, internado no Hospital São Sebastião, e a mãe lava roupa. Mas tem outros filhos, ganha pouco, Zica precisa ajudar. E ele ajuda, faz carroto na feira, pega xepa de comida num frege em santo Cristo (mas a porcaria sempre vem azeda!), vai apanhar leite dos irmãos menores todas as manhãs, numa instituição que fica à boca do túnel João Ricardo. Há dias em que vigia automóvel defronte da estação de passageiros, no armazém 13, no Cais do porto e leva algum, de gorjeta. Por causa disso tudo largou a escola – não tinha tempo. (QUEIROZ, 2002, p.38 -39)

Outros aspectos que merecem destaque nesta crônica em apreço é a caracterização dos personagens, através do uso recorrente de adjetivos. Rachel de Queiroz exhibe elementos que vão além das características físicas dos personagens. Aqui, ela apresenta o perfil psicológico de cada garoto identificado pela personagem que representa a senhora, dona da casa, no pequeno espaço de tempo em que eles se conhecem. “Verdade que ao se ver desmascarado teve a graça de corar e desculpar-se como *gentleman* que era” (p. 38); “Quando me viu, atirou fora a bagana, num gesto de cavalheiro” (p.37). Toda a narrativa se passa na casa da senhora, o ambiente diante a situação retratada, portanto, transparece a imagem de um lugar acolhedor.

Justamente esse acolhimento e carinho doados aos meninos justifiquem o título que dá nome à crônica “Os filhos que eu nunca tive”, pois é desse modo que Rachel de Queiroz nos apresenta o texto, a mulher que acolhe os meninos como se fossem seus filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado, Rachel de Queiroz foi uma grande representante feminina na literatura brasileira. Nesse papel, cumpriu com louvor os trabalhos literários com a publicação de suas ricas obras. Os romances foram os que ganharam maior notoriedade na carreira da escritora, acredita-se que pelo fato de serem publicados em livros acabaram sendo eternizados em nossa literatura.

Pouco se conhecia de seu trabalho como cronista que a seguiu durante toda a carreira, mas que para muitos críticos e para a própria escritora, foi a maior contribuição dela no mundo acadêmico.

Tendo em vista, os numerosos trabalhos realizados acerca dos romances de Rachel de Queiroz, sendo suas crônicas, assim como o próprio gênero despercebido por muitos, acredito que o nosso trabalho contribuiu no que diz respeito ao estudo do cronicário da escritora Rachel de Queiroz, sendo este tão escasso.

Desse modo, analisar as crônicas foi um desafio. No entanto, a abordagem dentro dos referenciais teóricos a respeito do gênero e da escritora que tomamos como base, nos possibilitou uma melhor visão das múltiplas facetas da escritora cearense. Apesar de sintético, acreditamos que, de fato, conseguimos alcançar os objetivos do estudo: a importância do cronicário da escritora no ambiente literário, bem como a análise de algumas de suas crônicas, dentre as temáticas mais recorrentes em suas publicações. Portanto, a crônica de Rachel de Queiroz, neste trabalho, não ocupou um papel episódico, acidental, mas, sim, central.

Diante os levantamentos de dados e até mesmo nas análises, percebe-se que a crônica racheliana é rica em reflexões, denúncia social e dotada de artisticidade. Ainda assim, a escritora apresenta uma crônica marcada pela singeleza das coisas através do uso de recursos que vão desde a temática à sua linguagem, tão próxima do leitor que chega a confundir-se com ele.

Ainda tratando da temática, percebe-se que algumas acompanharam a escritora cearense durante toda sua carreira, por exemplo, a temática da seca tem grande significado não só nas crônicas, como também nos romances de Rachel e foram justamente essas, às quais procuramos nos deter e analisar. A infância, o amor e a seca ganharam nas mãos da escritora o entrelaçamento o que ficou perceptível na análise das crônicas escolhidas para esta pesquisa. Além disso, vieram encharcadas de suas experiências pessoais confundidas até em muitos personagens criados por ela.

As crônicas selecionadas, não foram escolhidas de modo aleatório, mas procuramos buscar dentre as dezenas de textos que compunham o livro *Cenas brasileiras*, aquelas que melhor representavam a Rachel de Queiroz como mulher e escritora. Somos conscientes de que o presente estudo precisa de melhoramentos, mas destacamos, de igual modo, que o mesmo se resumia no reconhecimento e contribuição do trabalho desenvolvido pela escritora. Assim, acreditamos que a crônica de Rachel de Queiroz merece ser alvo de estudos, afinal a contribuição da escritora não se resume apenas a seus romances.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.23 –29;

MOISÉS, Massaud. A crônica. *A criação literária (prosa)*. 3.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1985, p.245 – 249;

PORTELLA, Eduardo. O discurso da cidade. *Revista tempo brasileiro*. Rio de Janeiro, 150: 225/232, jul.- set., 2002;

SANT’ANNA, Affonso Romano de. Teoria da crônica. *A sedução da palavra*. Brasília: Letraviva, 2000, p. 201 – 205;

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2005;

D’ONOFRIO, Salvatore. Formas da narratividade. Teoria do texto. São Paulo: Ática, 2001, p.123;

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. O amor. *Filosofando – Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1991, p. 352 – 358.

SOARES, Angélica. O texto, a teoria. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 1989, p. 64 – 65;

ACIOLI, Socorro. *Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003;

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 77.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004;

QUEIROZ, Rachel de. *Cenas brasileiras*.8.ed. São Paulo: Ática, 2002;

DE FRANCESCHI, Antônio F. (Org.). *Rachel de Queiroz: cadernos de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 22;

CASTELO, José. *Crônica, um gênero brasileiro*. Disponível em:
<<http://www.digestivocultural.com/newsletter>> Acesso em: 21 nov. 2010;

JÚNIOR, Arnaldo Nogueira. *Rachel de Queiroz*. Disponível em:
<http://www.releituras.com/racheldequeiroz_bio.asp> Acesso em: 27 jul. 2014;

TV CÂMARA. Rachel de Queiroz. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=M93zWe4kbZQ>> Acesso em: 02 set. 2014;

TV ESCOLA. Rachel de Queiroz – “Não me deixes”. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=LTmqTPdq14Q>> Acesso em: 03 set. 2014.

ANEXOS

Anexo A –

Seca

Era a hora do almoço dos trabalhadores. Enquanto os homens comiam lá dentro, o fazendeiro velho sentava-se na rede do alpendre, à frente de casa espiando o sol no céu, que tinha como vidro; procurando desviar os olhos da água do açude, lá além, que dentro de mais um mês estaria virada em lama.

Os dois cabras se aproximaram sem que ele pressentisse. Era um alto e um baixo; o baixo grosso e escuro, vestido numa camisa de algodãozinho encardido. O alto era alourado e não se podia dizer que estivesse vestido de coisa nenhuma, porque era farrapo só. O grosso na mão trazia um couro de cabra, ainda pingando sangue, esfolado que fora fazia pouco. E nem tirou o caco de chapéu da cabeça, sem salvou ao menos.

O velho até se assustou e bruscamente se pôs a cavalo na rede, a escutar a voz grossa e áspera, tal e qual quem falava:

- Cidadão, vim lhe vender este couro de bode.

Aquele “cidadão”, assim desabrido, já dizia tudo. Ninguém chega de boa tenção em terreno alheio sem dar bom-dia, e tratando o dono da casa de cidadão. Assim, o fazendeiro achou melhor fingir que não ouvira – e foi-se pondo de pé.

- O quê? Que é que você quer?

O homem escuro botou o couro em cima do parapeito e o sangue escorreu num fio pela cal da parede:

- Estou arranchado com a minha família debaixo daquele juazeiro grande, ali. Essa cabra passou perto – não sei de quem era. Matei, e a mulher está cozinhando a carne para se comer. Agora, o couro – o senhor ou me dá dinheiro por ele, ou me dá farinha.

- E de quem é essa cabra? É minha? Quem lhe deu ordem para matar?

O velho estava tão furioso que o dedo dele, espetado no ar, tremia. E o loureba esfarrapado chegou perto e deu a sua risadinha:

- Ninguém perguntou a ela o nome do dono...

Mas o outro, sempre sério, olhou o velho na cara:

- Matei com ordem da fome. O senhor quer ordem melhor?

Nesse meio, os homens que almoçavam lá dentro escutaram as vozes alteradas e vieram ver o que havia. Eram uns doze – foram aparecendo pelo oitão da casa, de um em um, e se abriram em redor dos estranhos no terreiro.

Aí, o velho se vendo garantido, começou a gritar:

- Na minha terra só eu dou ordem! Vocês são muito é atrevidos – me matarem o bicho e ainda me trazerem o couro pra vender, por desaforo! Chico Luís, veja aí de quem é o sinal dessa criação.

O feitor largou a foice no chão, puxou as orelhas do couro, e virou-se achando graça para um dos companheiros: era a sua cabrinha, não era mesmo, compadre Augusto? Está aqui o sinal...

O Augusto veio olhar também e ficou danado:

- Seus perversos, a cabra era da minha menina beber leite, estava de cabrito novo!

Mas o olho do homem escuro era feio e, se ele se assustara vendo-se cercado pelos cabras da fazenda, não deu parecnça. O loureba é que virava a cara de um lado para outro, procurando saída; ainda levou a mão ao quadril, tateou o cabo da faca – mas cada um dos homens tinha uma foice, um terçado, um ferro na mão.

Nesse pé o fazendeiro, para acabar com a história, resolveu mostrar bom coração; e gritou para o corredor:

- Menina! Manda aí uma cuia com um bocado de farinha! Depois, retornando ao homem:

- Eu podia mandar prender vocês, para aprenderem a não matar bicho alheio! Mas têm crianças, não é? Tenho pena das crianças! Leve essa farinha, comam e tratem de ir embora. Daqui a uma hora quero o pé de juazeiro limpo e vocês na estrada. Podem ir!

O homem recebeu a cuia, não disse nada, saiu sem olhar para trás. O outro o acompanhou, meio temeroso, tirou ainda o chapéu em despedida, e pegou no passo do companheiro. O velho reclamava em voz alta – cabra desgraçado, além de fazer o malfeito, recebe o favor e nem sequer abana o rabo.

Os trabalhadores, calados, acompanhavam com os olhos os dois estranhos que marchavam um atrás do outro, na direção do juazeiro, do qual só se avistava a copa alta ali no terreiro. Ninguém sabe o que pensavam; o dono da cabra deu de mão no couro e foi com ele para trás de casa.

Aí a sineta bateu e os homens saíram para o serviço. Passando pelo juazeiro, lá viram a família em redor do fogo, os meninos procurando pescar pedaços da carne que fervia numa lata. Mas o homem escuro, encostado ao tronco, via-os passar, de braços

cruzados, sem baixar os olhos. Ainda foi o dono da cabra que baixou os seus; explicou depois que não gostava de briga.

MORALIDADE: Este caso aconteceu mesmo. Faz mais de trinta anos escrevi uma história de cabra morta por retirante, mas era diferente. Então, o homem sentia dor de consciência, e até se humilhou quando o dono do bicho morto o chamou de ladrão. Agora não é mais assim. Agora eles sabem que a fome dá um direito que passa por cima de qualquer direito dos outros. A moralidade da história é mesmo esta: tudo mudou, mudou muito.

(29-6-1966)

Anexo B –**Amor à primeira vista**

Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto. Assim diz a modinha e assim é verdade. Meu Deus, eu já tinha ouvido falar nele. Já tinha mesmo apreciado um retrato. Contudo, não esperei que fosse assim. Com aqueles olhos amendoados, o misterioso sorriso esquecido na boca e aquele abandono confiado de quem conhece muito bem a que braço se entrega, de quem só espera o bem, pois nem sabe que existe o mal.

O principal, como já falei, são os olhos. E depois a meiguice. E o beicinho que se encrespa quando faz manha; e como é cheiroso, Senhor, cheiroso. Cheira a flor e a talco, mas cheira principalmente a fruta madura, talvez a maçãs no momento em que são colhidas, talvez àquelas uvas que dão vinho rosado, doces e queimadas de sol.

E sereno. Tranquilo, natural e pacífico, ainda intocado pela pressa do mundo.

Ficou no meu colo bastante tempo, quase imóvel, agitando vagamente um braço ou uma perna, me fitando com aqueles olhos que são o seu encanto maior. Olhos tão inocentes e que trazem dentro de si, por isso mesmo, toda a sabedoria das coisas que nascem completas. Mas não eram olhos vagos de recém-nascido, eram olhos de quem já enxerga, de quem assinala uma pessoa e fitando-a, de certo modo toma posse dela e a incorpora ao seu mundo.

Houve um momento em que ele pôs a mãozinha no meu rosto e deixou-a estar assim vários minutos. Parecia fazê-lo intencionalmente, como para mostrar o seu poder, dizer “ se eu quisesse, você era minha, bastava que eu fizesse mais força com a mão: pois não estou vendo que já está cativa, que tem os olhos cheios de água, que era capaz de ficar de joelhos olhando para mim o resto da sua vida?” Por fim retirou a mão e sorriu – mas não sei para quem sorriu.

Ainda não é o homem, ainda não é nem mesmo gente, mas também já não é mais anjo, já participa da condição humana, já chora, já sofre dor, já tem medo, já deseja as coisas, já possui criaturas e objetos, já tem preferências e antipatias. E pensar que naquele corpinho de flor, que cabe quase todo nas palmas das minhas mãos, está um homem em potência. Já está o ser inteiro ali, completo e indivisível, com o seu destino marcado, com a sua personalidade escolhida, tal qual está a árvore dentro da semente. Aquelas mãozinhas de miniatura vão ser mãos de homem, destinadas ao trabalho, ao trato com máquinas, com livros, com utensílios do seu labor de homem – quem sabe até com armas de guerra, se mais tarde ainda houver guerras. E aqueles pés que nunca

sentiram o contato do chão, que a seda mais fina pode ferir, irão calcar a terra com força, e firmarem-se nela tomando posse de seu lugar ao sol, e percorrerão caminhos e escalarão montanhas. E aquela boca vai tomar o desenho que compete a uma boca viril e irá aprender todas as palavras, palavras de amor com que há de enganar as mulheres, e palavras ásperas de luta e negócios entre homens, e repetirá teoremas, e recitará versos, e falará línguas estranhas. E aquela cabecinha miúda irá abrigar pensamentos de homem, e conhecimentos, e verdades e talvez mentiras, se mentiras lhe ensinarem. E o pequeno coração que pulsa agora como um brinquedo engenhoso vai receber toda a carga comum ao nosso triste coração humano, e conhecerá o amor e a cólera, e, se Deus quiser, a alegria e a coragem, a felicidade de viver e o prazer do trabalho fecundo.

Agora é uma coisinha de amor, a que só amor tem direito. Mas deixai que se passem alguns anos, e a misteriosa coisinha que nos palpita nos braços, que cheira a fruta madura e nos rouba o coração sem saber o que faz, terá se virado num ente adulto e grave, um homem com todo o seu poder e todos os seus recursos de homem, senhor da sua vida, capaz de escolher entre o bem e o mal – que só o bem escolherá, naturalmente, benza-o Deus.

(Rio, janeiro de 50)

Anexo C –**Os filhos que eu nunca tive**

Bateram no portão, fui ver. O garoto rebocava os outros dois, embora não fosse o mais velho. O mais velho era um crioulinho de ar estonteado sem os dois dentes da frente; calçava umas chuteiras grandes de jogador de futebol, dependuradas como duas bolsas às canelas finas. O segundo garoto era bem miúdo, nos seus nove ou sete anos, ainda chupava dedo e tinha pestanas tão compridas que lhe faziam sombra na cara pálida e bochechuda. Mas o importante era o caudilho da turma – dez, doze anos talvez, quem sabe mais; com esses amarelinhos raquíticos a gente nunca pode dizer. Fala rouca, olhar direto, pequenas mãos nervosas que gesticulavam ajudando a fala, camisa de meia, calça comprida, cigarro na mão.

Quando me viu, atirou fora a bagana, num gesto de cavalheiro. Explicou que não estavam pedindo esmola – mas andavam longe de casa e queriam uns níqueis para o almoço.

- Posso dar os níqueis – falei. – Mas por que vocês não almoçam de uma vez aqui em casa?

Eles se consultaram entre si, acabaram aceitando. Embora o chefe pusesse uma condição:

- Mas a senhora garante os níqueis? A gente precisa da passagem de volta.

O bando de cachorrinhos *Dashund* fazia algazarra ao redor deles. O pequeno pestanudo se apaixonou logo pela cachorrinha Capitu, ajoelhou-se no chão, tomou-a no colo e consentia deliciado que ela lhe lambesse o rosto. O chefe olhou-o condescendente e observou:

- Bati aqui por causa destes cachorros.

- Você gosta assim de cachorros?

O caudilho cuspiu:

- Eu – de cachorro? Não senhora, detesto. Mas casa que tem cachorro pequeno, solto, a turma sempre gosta de criança. Já casa que tem cachorro grande na corrente é pessoal pão-duro, rezinguento.

O pretinho comia em silêncio, de olho no ar, espiando os passarinhos. O gorducho de vez em quando punha escondido, debaixo da mesa, um pedaço de carne para a cachorra.

Nisso o telefone tocou, vieram me chamar. Quando desliguei, dei fé de que o chefe da turma abandonara o prato, lá na mesa debaixo da jaqueira, e viera escutar a conversa. Verdade que ao se ver desmascarado teve a graça de corar e desculpar-se como *gentleman* que era:

- Tive medo que fosse telefonema para o SAM.

Contei que não, era um colega de jornal. Eles gostam de jornal. O chefe mesmo já vendeu numa banca, mas quiseram botar uniforme nele, para fingir de pequeno jornalista, e ele não é palhaço para andar fardado. E depois não tinha dinheiro para botina e tudo o mais. Só o pessoal internado ganha farda de graça – e vê lá se ele deixa que o internem.

Para provar que sabem ler, leu e obrigou o pretinho a decifrar todos os títulos da coluna de esporte. Gostam muito de esporte também. O crioulinho que se chama Zica espera mais tarde ser goleiro.

- Não vê, ele vai ter altura. Para goleiro o principal é a altura. Aliás fizeram essa viagem para dar uma espiada na concentração do Vasco, mas acharam tudo fechado. Depois a fome apertou e eles resolveram arranjar uns níqueis e comprar uns sanduíches de mortadela.

- Gosto de mortadela com cerveja, mas os homens só vendem cerveja à gente quando se traz o casco e diz que é para levar em casa.

Assim mesmo sofisticado, comia com apetite o arroz com ensopadinho e bebeu a caneca de leite.

Fizemos camaradagem fácil. Sempre me dei com meninos.

Zica é dos três o único que tem mãe e pai. O pai está doente, internado no Hospital São Sebastião, e a mãe lava roupa. Mas tem outros filhos, ganha pouco, Zica precisa ajudar. E ele ajuda, faz carreto na feira, pega xepa de comida num fregue em santo Cristo (mas a porcaria sempre vem azeda!), vai apanhar leite dos irmãos menores todas as manhãs, numa instituição que fica à boca do túnel João Ricardo. Há dias em que vigia automóvel defronte da estação de passageiros, no armazém 13, no Cais do porto e leva algum, de gorjeta. Por causa disso tudo largou a escola – não tinha tempo.

O pequeno, o dos olhos bonitos, diz em voz baixa que o seu nome é Cincinato, mas chamam Nato. No mais, fala pouco. Não tem pai nem mãe, mora com a avó, que por sinal além de velha é doente e vive de favor num barraco que ela mesma arrumou, no lugar onde era um banheiro velho, aos fundos de uma casa de cômodos, numa daquelas encostas do morro que ficam entre o Cais do Porto e a Central. A velha pede

esmolas e, quando era menor, Nato andava com ela, mas achava chato, e depois o Alcir – Alcir é o chefe – o convenceu de que aquilo não é ocupação de homem.

Quanto ao Alcir – bem, vê-se que é camarada vivido e experiente. Diz que esteve internado no SAM (a sigla do Serviço de Assistência a Menores é uma constante na conversa de garotos dessa espécie), depois espontaneamente explica que é mentira – ou antes, um modo de dizer. Quem esteve “lá” foi um primo dele que contou tudo como é. Que a ele, para o apanharem, não há de ser fácil. Pergunto o que ele quer ser, quando homem – um valentão assim como o Zé da Ilha e o Mauro Guerra? Surpreendentemente, Alcir diz que não, não gosta de malandro. Esse pessoal não vale nada; quem dá cartaz para eles é a polícia. Diz que o Carne-Seca até chorava, quando foi preso. E o Mauro Guerra é tuberculoso. Alcir tem vontade de comprar um carro de praça e fazer ponto no Lido. Já foi várias vezes a Copacabana, mas ali é preciso ter cuidado para a gente não se perder. Acima de tudo, Alcir é um homem livre. Não tem pai nem mãe, mora oficialmente com os tios, mas passa dias sem aparecer em casa. A tia é uma chata, o tio tem uma tendinha de vender cachaça e pastel, e tem mania de botar Alcir no pesado. Um dia deixou que um bêbado se metesse a dar cascudos no sobrinho; nesse dia Alcir se zangou e passou duas semanas sem aparecer. E como eu tentasse localizar a tendinha, fizesse menção de endereço, ele teve um gesto largo:

- A tenda não interessa. Eu moro mesmo é na rua.

- Indaguei o que é que ele fazia para viver. Ele riu. Parece que na rua há muita coisa interessante para ocupar um home resoluto. Por exemplo, já se ocupou em entregar lista a bicheiro.

-Quando a cana está dura, eles gostam de usar garoto, que não dá na vista.

Aos sábados, ajuda a lavagem dos ladrilhos num botequim da Rua América, ganha um prato e uma grujinha que dá para o cigarro. Não é carregador de feira porque tem uma dor no umbigo, não aguenta peso. O médico do ambulatório diz que é hérnia; um dia em que estiver disposto ele procura o douto e deixa operar. Pergunto se não deseja se operar no hospital aqui na Ilha. Mas Alcir não quer se preocupar com a saúde.

- Deixa pra lá. Serei moça, para me importar com umbigo grande?

Acabada a última banana, levantam-se, o chefe põe a casaquete e lembra delicadamente o dinheiro do ônibus.

- Vocês vieram foi de ônibus?

Eles sorriem. Vieram de carona, num caminhão da Aeronáutica. O motorista tinha cara de bonzinho, nós dissemos que éramos da Ilha, tínhamos fugido para o Rio e

estávamos perdidos. O cara passou um pito, disse que quem não cuida dos filhos devia entregar ao Juiz de Menores, mas acabou mandando a gente entrar.

Tentei detê-los por mais tempo; eles porém tinham pressa, ou estavam desconfiados. Prometeram voltar a qualquer oportunidade. O difícil é a primeira vez, não é mesmo? E além do mais, não chegaram a ver a concentração do Vasco.

Dei o dinheiro, deixei-os sair. Que é que podia fazer? Conselho eles não aceitam. Chamar autoridade, para quê?

Autoridade não resolve, prende.

Os garotos saíram. Fiquei a olhá-los, do portão. Dez metros além o pequenino voltou-se, deu adeus com a mão. Me apertou o coração, dei adeus também, fechei o portão devagar.

(Ilha, outubro de 53)